

# Gaiato



Quinzenário \* 27 de Setembro de 1986 \* Ano XLIII — N.º 1110 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## NOTAS DA QUINZENA

Decorreu, em Fátima, a Semana Sócio-Pastoral, este ano sobre os Marginais.

«Tudo vale a pena.» Muitas sementes, por certo, ficaram dentro dos corações e darão os seus frutos. E se somente uma bem pequenina caíu num canteiro e dela vier a nascer um arbusto que embeleze, será mais um passo para o bem.

É tão complexo o problema dos Marginais...! Tão difícil para os homens de hoje ir curar-lhes as feridas, tomá-los nos braços, pôr no jumento e pagar ao estalajadeiro! E para os cristãos?

«Faze tu o mesmo.»

Pai Américo fez, S. João de Deus, também, S. Francisco de Assis, idem, chegando mesmo ao beijo na face do leproso.

É dura esta linguagem!

Um dia, em África, fui com um médico a uma senzala de leproso. Ele me apresentou e, como ele, cumprimentei a todos, sentindo no corpo todo a impressão do aperto da minha mão nos seus «cotos». No fim do tratamento o médico foi a uma bica de água e lavou bem as suas mãos. Eu fiz o mesmo. Foi neste momento, com os doentes já de volta do carro para se despedirem, que notei o gesto dum doente sem dedos, olhando ora os seus «cotos», ora as minhas mãos brancas que acabara de limpar. Então, senti verdadeiramente como tinha marginalizado aquele doente com o meu gesto de limpeza depois de o tocar. A alegria que notei nos olhos ao estender-lhe a mão, sucedeu tristeza e decepção. De relance, vi, nitidamente, a distância que faltava percorrer para estar com ele e ser capaz de dar alegria ao seu olhar magoado.

Não é nada fácil ir aos Marginais, tomá-los nos braços e beijá-los na face. Só com a ajuda do Senhor e o total desprendimento de nós mesmos.

Nas sessões parciais sobre a pedagogia do Padre Américo, foi ponto alto a pre-

sença dos Gaiatos, alguns com suas esposas, numa vivência e testemunhos vivos que a todos cativou.

Mexeram-se as águas.

Ficou a inquietação.

Foi um óptimo anúncio do Centenário.

E a doutrina!

Nas semanas de estudo, celebrações e cursos, acontece, quase sempre, o perigo de ficarmos nas palavras. Infantilmente, julgamos que o «vai, faze tu o mesmo» é sempre para o «outro».

Estamos conscientes deste perigo nas celebrações do centenário de Pai Américo. Todo o nosso esforço, pois, deve ser orientado a que delas resultem acções concretas que atinjam, plenamente, aqueles que vivem em zonas degradadas, os Auto-construtores, os Pobres e os Doentes. Mesmo que, depois de todo o esforço e intepelação, seja só um a ter casa, outro pão e um Doente uma cama, já valerá a pena.



É tão complexo o problema dos Marginais...! Tão difícil para os homens de hoje ir curar-lhes as feridas, tomá-los nos braços...! E para os cristãos?

É fácil, e à mesa do café, atirarmos as culpas ao Rei e ao Bispo, aos que vão à Missa, aos ricos e aos que não trabalham. Todos somos responsáveis pela sorte dos irmãos a viverem em zonas tão degradadas e barracas tão tristes. Todos os que se dedicam à criação de porcos e de vitelas têm para estes

«habitações» mais dignas!...

E continuamos a fazer festas de arromba, e em honra dos santos, em zonas onde há famílias sem casa ou a viverem à míngua.

Tudo... menos cristianismo.

Já aqui disse, algures, que numa festa de primeiras Comunhões se estoiraram dois mil contos de foguetes, precisa-

mente no dia em que recebi uma carta duma família pobre dessa freguesia (assinada pelo Presidente da Junta e pelo Pároco) a pedir telhas para a sua casinha.

Que cada um de nós bata no seu peito e aprendamos todos a ler o Evangelho.

Padre Telmo

## O nosso jornal

«O GALATO está furiosamente lançado. Não se imagina os pedidos de assinatura, muitos deles de homens de responsabilidade social. Estou pasmado, pasmadíssimo!»

Era o dia 3 de Maio de 1944 quando Pai Américo escreveu estas palavras ao senhor Russel de Sousa, um grande Amigo que esteve nas origens da Casa de Paço de Sousa e acompanhou intensamente o seu crescer nos primeiros anos de vida. O GALATO completaria daí a dois dias a bonita idade de dois meses! De facto era para «estar pasmado, pasmadíssimo!»

Os anos passaram e a tiragem nunca cessou de aumentar. Trinta mil era a meta para que Pai Américo muitas vezes apontou. Mas ainda em sua

vida, ela foi levantada para os cinquenta mil.

O GALATO é a expressão verbal da Obra da Rua, o veículo difusor de uma grande paixão.

Números e números foram quase totalmente do punho de Pai Américo e todos sabemos do dom extraordinário que era nele a arte de escrever: profundidade de pensamento, simplicidade de expressão, beleza de forma. Não era, portanto, de admirar esta expansão continuada do jornal — nem para nós os que ainda estivemos com ele. O medo era o depois, quando ele faltasse! Se a execução da Obra da Rua nas várias Casas em que ela se realiza não era herança nada leve, quão pesada não era a do jor-

nal! Pois a morte de Pai Américo não interrompeu a ascensão da tiragem, salvo aquele tempo de recuo que sucedeu ao êxodo de África, em que, quase repentinamente, perdemos o rumo dos cerca de vinte mil destinatários do jornal que lá o recebiam. Mas esta brecha se foi, pouco a pouco, colmatando; e entre os de lá que reapareceram e novos assinantes que surgiram, o ritmo de crescimento foi retomado e até acelerado.

Temos de ver nisto o dedo de Deus. Com o instrumento de eleição que foi Pai Américo ou com os instrumentos vulgares que são agora, é o mesmo Espírito que sopra e faz d'O GALATO o que ele foi desde o primeiro número: um revolucio-

nário das almas em ordem à conversão. Mais do que para qualquer outro, para nós, os que temos a responsabilidade de cada edição, O GALATO é um acto de Fé.

E assim ultrapassámos já os sessenta mil nas últimas tiragens.

Ora bem; é aqui que se põe um ponto importante à reflexão de todos nós. Não é o número que interessa (nós não somos muito de nos deixarmos embalar pelos grandes números), mas sim a revolução nas almas. Ora esta só é possível se O GALATO for lido. Graças a Deus, por tantas ressonâncias que constantemente nos chegam, sabemos que geral-

Cont. na 3.ª pág.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Duas Viúvas no limite da terceira idade. Não vivem na pobreza absoluta por três factores: a cadeia de fraternidade dos nossos Leitores, a existência do Património dos Pobres, a presença do vicentino — servo dos Pobres.

Respeitam a tradição: lenço, xaipe, vestido preto. E socas.

Um tudo nada assustadas por uma carta exigindo o pagamento da taxa de rádio, dos últimos anos.

— *E se a gente não paga, vamos ó Tribunal...!*

— Mexe com leis e advogados...

— *[Não temos nada... As casas são do Património dos Pobres!*

As Viúvas foram, pelo seu pé, à autarquia (marcando cidadania) por atestados de pobreza que juntámos na carta dirigida ao senhor solicitador da RDP, perorando a comutação da pena... que não seria se ambas vissem na miséria! Verdade que daria pano para mangas! Para hom entendedor, meia palavra basta.

● Mulher violentada pelo marido. Os filhos sofrem as consequências.

Supportou. Foi suportando. Um dia, porém, não aguenta mais: muda-se para a casa doutra família, também numerosa. A comadre faz sua a dor da espancada e ambas revelam a mesma dor!

«Não tinham que pôr na mesa: «Somos pobres...» Aviaram-se no merceiro. Contos de réis! A mulher respira fundo — aliviada; a samaritana seca, nos olhos, uma lagrimazita d'emoção.

Problemas difíceis e complexos quando atingem a ruptura!

Perante estes quadros olhamos sempre mais para os filhos — vítimas indefesas. Que será destas crianças?! Uma grande fonte de marginalidade: as famílias destroçadas!

PARTILHA — Aí temos ressonâncias aos ais dos Pobres: o carro do paralítico; mães que sofrem tortura — pelo abandono dos pais; crianças indefesas; Viúvas marginalizadas, num mundo tão adverso; doentes sem hipótese de tratamento capaz; velhice e solidão; os sem casa a quem se dá tecto ou ajuda na construção da moradia; e muito mais!

Nem sempre citamos todas as correias de transmissão. Tantos almas escondidas em profundo anonimato! Só Deus sabe. Ele lê em nossos corações — e tudo regista no Livro da Vida.

A frente, segue uma Pobre, d'algures, que dispensa um cobertor e um par de sapatos — de que não precisa. Os Pobres dão a mão aos Pobres!

Póvoa de Varzim: um valioso cheque em sufrágio da alma do meu querido irmão José». Outro, da assinante 17001, da capital do Norte. 1.500\$00 da assinante 32436, cujo abraço amigo retribuimos com ami-

zade. Assinante 22628, do Porto, 1.000\$00. Assinante 35019:

«Cheguei ontem de férias, dei uma vista de olhos pelos exemplares d'O GAIATO que estavam à minha espera e vejo, com alegria, que já há cadeirinha de rodas para o doente e só faltam algumas peças. Graças a Deus!

Tal como prometi, envio uma pequena ajuda para as peças em falta. Se já vou atrasada, a importância fica para suprir algumas necessidades mais urgentes.»

Assinante 30719, 500\$00 por alma do filho. Assinante 9151, o dobro com várias intenções; uma delas: «os nossos filhos, pois o ambiente em que têm de viver (Escola Secundária e Universidade) nem sempre é o melhor.»

Alto lá! A assinante 27022, do Porto, manda o óbolo com um postal ilustrado que diz: «A bomba mais explosiva que há no mundo, é a fome». Certo! Segundo os entendidos, bastaria uma diminuição da corrida aos armamentos — cada vez mais sofisticados e destruidores! — para dar pão a todos, todos os esfomeados! E o mundo não dá fé...!

A presença habitual da assinante 19177, do Porto. Assinante 26398, mil. O dobro de «uma portuense qualquer», migalhinha «relativa ao mês de Agosto, com um bocadinho mais por estarmos em plenas férias e muitos não as poderem ter por falta de recursos, mesmo para o essencial, no dia-a-dia».

O cheque habitual, de «Manuel de Braga», para «as minhas irmãs Viúvas». Não falha! «Pequenina oferta» da assinante 42572. Partilha de Maria da Luz, da Praça Rainha Santa. A migalha de «Maria de Portugal». Uma visitante deixa em nossas mãos 500\$00. Assinante 9790, de Oliveira do Douro: «Uma pequenina gota para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa»; e aproveita «para pedir uma oração ao Senhor para que a verdadeira Amizade, que só quer o bem dos nossos Irmãos, seja uma realidade». (Mais um cheque: da assinante 4456.

## TROVAS

Poetas todos são,  
mas escrever como poeta,  
só aqueles que sofrem  
e vivem na solidão.

Dizem que a vida  
é só sonho e prazer,  
mas esquecem a saudade  
que tantos já fez morrer.

O bravo, na solidão,  
olha as paredes, revoltoso;  
abre a porta e sai correndo,  
contente por estar solto.

Julgar os outros por si  
é ser fraco e não valente,  
é viver sempre na vida,  
na esperança de ser gente.

O mundo é pequeno,  
cabe na palma da mão.  
Se a vida fosse assim,  
já não era vivo, não.

Manuel Henrique

Assinante 14165, de Olhão, 1.000\$00 para um facto referido nesta coluna. Assinante 31782, de Escalhão, abre-se em generosidade e Esperança na Misericórdia do Senhor. Firmina, da Maia, com «pequenina migalha» agradece «a Deus ter (lhe) prolongado a vida por mais um ano». Assinante 3359, do Porto, 1.000\$00. Assinante 26658, de Ponte de Gouve, 2.600\$00. Assinante 31104 continua a despojar-se de todos os supérfluos, de todas as sobras, de tudo — e lembra o «querido Esposo que tanto amei». Testemunho do Grande Sacramento!

Mais três contos da «Avó de Síntra», para a «Família do costume», com «um abraço de muita estima» — que retribuimos na mesma proporção. Marília, de Pedras Rubras, também não falta; agora, com intenção expressa. Maria Delmira, da capital, uma extensa carta amiga e dois contos por vale postal.

Reservamos, para o fim, a presença da assinante 10068, do Porto:

«Já fui vicentina, com muito agrado. Hoje, os meus 75 anos não me permitem andar de porta em porta. Quero, porém, continuar a sê-lo, indirectamente.

Peço entreguem essa pequena quantia à pobre Viúva que quer fazer uma «festinha» à filha no dia da sua primeira Comunhão. O meu netinho também fez, este ano, a sua primeira Comunhão e teve a sua festa com muita alegria.

Deus vos dê coragem para continuarem a vossa missão de consolar os tristes.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

PRAIA — A nossa época banear acabou.

No quarto turno correu tudo bem, embora o tempo não tenha ajudado, mas todos vieram queimados e depois de retemperadas as forças e o espírito estão prontos para começar mais um ano de trabalho e de estudo.

Os «Batatinhas» foram contemplados com um bónus: Tiveram mais uma semana na praia e aproveitaram para brincar, tomar banho, descansar, pois são eles o centro de todas as nossas e vossas atenções.

FRUTA — Continuamos a ter fruta dos nossos pomares. Comemos maçãs e pêras, todos os dias, às refeições. Também as uvas estão a ficar maduras e alguns já as provaram...!

VISITAS — No dia 14 de Setembro, um pequeno grupo de dança jazz efectuou um show no nosso salão de festas, que agradou a todos pois as dançarinas e os dançarinos sabiam da matéria. Foi um espectáculo!

O salão superlotado e o apresentador, um dos nossos, também ajudado com as suas piadas.

Foi uma tarde bem diferente. Aqui deixo o nosso agradecimento a este grupo de Amigos que através deste espectáculo vieram demonstrar a

amizade e o carinho que têm por nós, gaiatos.

DESPORTO — Estamos a participar no 5.º Torneio das Vindimas organizado pelos Bombeiros Voluntários de Paço de Sousa.

Este ano, só o atletismo nos tem dado alegrias. Ganhámos a estafeta 4x1000m.

Nas provas de 400m e 100m, os nossos mais pequeninos fizeram boas provas e estão quase todos apurados para as finais.

Em futebol juvenil fomos eliminados na primeira eliminatória; em ténis, damas e malhas, também.

Ludgero Paulo

## Tojal

Venho falar um pouco de desporto, em nossa Casa.

Com o pavilhão polivalente em fase de acabamentos, já se vê a satisfação dos nossos rapazes em terem mais actividades desportivas.

Ao fim de um período de férias para os nossos atletas começou a actividade desportiva.

Presentemente o futebol é a atracção maior em nossa Casa.

Enquanto começam os campeonatos nacionais, há equipas em fase de preparação e afinação, como acontece com o nosso grupo desportivo, este ano com um plantel recheado de bons elementos muito jovens.

Embora não entremos em competições nacionais, começámos já a fase de preparação.

Os mais jovens e menos experientes vão ganhando alguma técnica com os mais velhos da equipa.

Na última época tivemos poucos jogos, não sei se foi com receio da nossa equipa... Esperemos que esta época não aconteça a mesma coisa!

Convidamos todas as equipas ou grupos desportivos que estejam interessados em defrontar-nos que tenham a gentileza de nos comunicar pelo telefone, ou pessoalmente, para marcarmos a data do jogo, no nosso estádio dos «Pitópós». O número do telefone é 9849019.

«Nós somos a Porta Alberta» e, por isso, temos imenso gosto em recebê-los com a máxima amabilidade, porque o futebol dá alegria e faz a festa!

PEDIDO — Pedimos aos nossos leitores que se, por acaso, tiverem algumas chuteiras ou bolas de futebol que não lhes sejam úteis, agradeçamos o favor de nos-las mandarem.

Obrigado!

Pedro Félix

## Miranda do Corvo

QUADROS COM PINTAS NEGRAS! — Saiu há um ano e voltou. Foi por esta altura que resolveu ir viver fora da nossa Casa.

Segundo ele diz, trabalhou um mês e recebeu vinte contos, com a ali-

mentação paga e mais de 8 horas de trabalho por dia.

Mas, depois, teve que sair porque estava à experiência mais outro. Esse outro já tinha alguns anos de prática naquele serviço e ficou.

Uma amiga tinha-o recebido em sua casa. Pensava em estudar. Já não lhe interessava um emprego. Ajudava alguma coisa numa maternidade, em Coimbra. Ele diz que era só para aquecer. «Andava por andar.»

Achou-se só, além da senhora amiga, vazio. Afirma que foram os dias mais duros da sua vida. Sem amigos e quem lhe desse força interior, principalmente.

Também não encontrou a família.

E, cá está. Era tipógrafo. Por agora anda a caiar as oficinas e o que for mais preciso. Sentiu-se acite. E nós é com satisfação que o vemos a jogar à bola connosco.

VIAI ACONTECENDO... — Quatro, na idade de 7 a 10 anos, resolveram sair de Casa. O mais velho foi o guia: «Vamos fugir...»

E lá foram, por aí fora, num dia em que o calor não se fez sentir, mas a humidade.

Já estavam castigados em cima do poço, no largo, por um dia terem entrado numa casa particular, ao pé da nossa vinha. Removeram e tiraram brinquedos e, também, uma bicicleta. Deram quase sumiço a tudo!

Então cumpriam o castigo: os recreios eram ali passados, menos nas horas do trabalho, do comer e oração. Tinham que sentir que erraram. «De pequenino se torce o pepino...» «Lá continuam», diz o chefe, «até que se disser o contrário».

Um dos nossos foi buscá-los a casa dum senhor, aqui perto. Estavam sujos; as mãos negras da fruta. Entraram cabisbaixos e molhados.

Também, aqui há tempos, por intuído de um e outro, e mais alguns que agarraram na fiada, tinham furtado algum dinheiro. A quantia, nas economias correntes, pode não ser elevada. Mas para eles — crianças — por não saberem o que vale e como gastar o dinheiro, era muito. Foram à vila e aquilo deu para comprar muitas pastilhas!

Veio a descobrir-se. Perguntámos como era e não era. Em primeiro de tudo, as mentiras para se defenderem.

Foram castigados, cada um junto da sua oliveira, no largo e, também, nos tempos livres.

Os últimos foram chamados à responsabilidade dos seus actos. O outro regressou, porque precisava de uma família. Somos essa Família!

Guido

## IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para qualquer uma das nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e o endereço em que recebe as nossas edições.

# TRIBUNA DE COIMBRA

Faz-nos bem, de tempos a tempos, recordar o Bem de que o Senhor Deus nos faz participantes. Os que dão e os que recebem. Nós somos somente administradores e canais dos dons de Deus. Ai daquele que se julga dono!

Quatrocentos pelo distribuidor d'O GAIATO em Tomar e dez mil de família visitante, da mesma terra; mil, em vale, de Ceira; 4.000\$00 de mãe e filha, agora nossas vizinhas; mil a um gaiato, em Coimbra e o mesmo a outro; 500\$00 nos 50 anos de casada; 2.000\$00 em cheque; 5.000\$00 em memória da mãe; 750\$00 levados ao Lar; 2.000\$00 de Cantanhede; mil levados ao Lar; mais mil e mais dois mil, no mesmo lugar; 4.000\$00 de visitantes, de Arganil; 850\$00 de grupo de jovens; 4.180\$00 das crianças da Profissão de Fé, de S. Martinho.

O casal de Meãs do Campo e o de Pereira do Campo continuam a aparecer pontualmente; mil de casal, de S. Sebastião, Penela; os vales certos de Manuel, de Lisboa; dez mil de Casal da Robala;

3.000\$00 de sacerdote, em Mira; 700\$00 a vendedor, em Castelo Branco; dez mil na minha aldeia; mil, em cheque, de Coimbra; três mil de casal visitante; dez mil do casal, muito amigo, de Santa Cita; 1.500\$00 em cheque; 3.000\$00 de senhora vizinha; mil de Amadora; mil de visitantes; 1.500\$00 de visitantes, do Barreiro; 5.440\$ de alunos, de Mortágua; cinco mil de promessa; dois mil de visitantes; mil, em vale, de Coimbra; dois mil, em vale, de Lisboa; mil, em vale, da mesma terra; mil, em cheque, também da capital.

Velho Amigo da zona da Guarda aparece já há muitos anos e cada vez com mais frequência. A Caridade não cansa. O cheque de Cebolais de Cima sempre acompanhado por abraço do Casal. 2.500\$00, em vale, de Tomar; cinco mil, mais dois mil, mais mil, mais dois mil, e roupas levadas ao Lar; 500\$00 em S. José; 700\$00, mais mil pelo vendedor, da Mealhada; dois mil, de Amiga, de Miranda do Corvo; 13.100\$ e muitas ofertas e a visita de

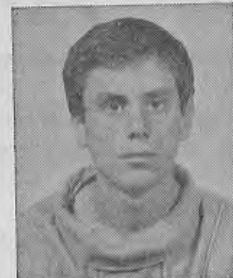
«amizade dos gaiatos de Matos de Ranha»; 500\$00, em vale, de Arganil; 4.712\$00 de grupo de Amigos; 2.500\$00, em cheque, de Amiga, de Coimbra; mil, de promessa, de Cantanhede; 17.800\$00 da Escola Primária n.º 1, de Pombal; 3.336\$50 e a visita de crianças de Colégio da Figueira da Foz; mil de senhora, visitante.

Mil e trezentos, da Lousã; 4.000\$00 da Quinta do Prado; 12.950\$00 dos nossos Rapazes; cinco mil de amigo da primeira hora e mil da esposa; 62.020\$00 e a visita da Escola de Lagoa das Talas, de Alcobaça; mil, de senhora, de Miranda do Corvo; mil de empregada doméstica, da Lousã; uma rima de envelopes e o sorriso de todo o pessoal da Casa do Castelo; 1.125\$00 de grupo que passou na estrada; 25.000\$00 que casal de Coimbra veio trazer; 500\$00 mais 500\$00 de visitas, de S. Romão; 5.000\$00, de Amigo, de Serpins; 50.000\$00 de irmã de sacerdote que o Senhor chamou e que sempre nos amou. Sempre que posso vou rezar junto da campa que a Comunidade Paroquial daquela vila quis oferecer ao seu Pastor amigo.

Cinquenta da Póvoa de Varzim; outro cheque de Amadora; cinco mil, em vale, de Amiga, de Condeixa; 400\$, em vale, de Coimbra; 11.045\$00 de catequistas, de Juncal; um fio de ouro na minha mão; 3.000\$00 de vizinha; cem mil que casal de Coimbra veio trazer; 1.500\$ da Figueira da Foz; 1.000\$ por alma do Irmão e 500\$00 a vendedor, também da Figueira da Foz; 5.000\$00 de doente; dois mil, de Amiga, de Castelo Branco; 6.332\$50 do Rally Rainha Santa; cinco mil, em vale, de Coimbra; 3.000\$00 de senhora que nos vem ajudar; vale, de Vilar Formoso; 5.000\$ dum dos nossos e 2.000\$00 da mãe agradecida; 6.175\$00 de visitantes; mil de Coimbra; mil de Lisboa; mil na minha aldeia. Quinze mil de «três irmãs amigas»; treze mil; mil, de poeta, da Sertã; 240\$00 da Escola de Casal da Serra; dois mil e o abraço da Maria João e do João; cinco mil de Coimbra; cinco mil de sacerdote há 50 anos, em acção de graças; 5.000\$00 por alma de Amigo; dez mil, em cheque, de Lisboa; dez mil, de senhora, de Coimbra; 500\$00 em carta; 600\$00 no Lar; dois mil de casal visitante; cinco mil doutro casal; 7.500\$00 de Virgílio, 20 dólares, 2.000\$00 de emigrante, 500\$00 mais 500\$00, mais muitos mimos na Praia de Mira; 5.000\$00 de Amiga, do Fundão; cem francos de emigrante na Suíça, entregues pelo nosso Bispo; 1.500\$00, em vale; 7.000\$00, em vale, de Tomar; 12.250\$00 de jovens da paróquia do Juncal; mil, de Amiga, da Covilhã; dez mil e cinco mil de Amigos em S. Pedro de Moel; 5.000\$00 e material para pensos, em Monte Real; 1.300\$ de Catequistas, da Marmeleira; 2.000\$00 pelo Pároco de Tomar;

Retalhos de vida

## «NABO»



Sou o João Manuel Tavares Lourenço.

Nasci em 1971 na Freguesia de Montalvo.

Quatro anos depois fui para a Praia do Ribatejo onde fiquei até 1979, já sem a minha mãe.

Vim para a Casa do Gaiato de comboio, com o senhor Padre Pinho, que celebra Missa no Ribatejo. O meu apelido na Casa do Gaiato de Paço de Sousa é «Nabo», porque andava a chamar nabo aos outros. Mas é bom estar cá.

Estive três anos a trabalhar na lenha e depois fui para a limpeza das casas até 1984. Desde então estou a trabalhar na caldeira e na lenha. Quando for grande gostaria de ser serroteiro.

Felicidades para todos os leitores d'O GAIATO.

João Manuel Tavares Lourenço

2.300\$00 e roupas, de Amigos, da Feiteira; cinco mil de médico doente; cinquenta na caixa do correio; cinco mil de senhoras visitantes, 500\$00 da Sertã e 450\$00 de Cabeçudo; 8.000\$00 de Engenheiro amigo; dois mil de Amadora; 25.000\$00 de Cernache; 5.000\$00 de Abrantes; 5.000\$00, de Amiga, do Avelar por «Marido que adormeceu no Senhor». A Fé e a Esperança dão sentido a todas as nossas dores.

Dez mil de velha Amiga francesa que ama muito os portugueses; mil, em vale, do Porto; 2.000\$00 de Amiga, de Soure; 8.000\$00 de Amigo, de Castelo Branco; mil de Amiga, do Casal do Lobo; 5.000\$00 de sacerdote; Amiga trabalhadora nos Hospitais da Universidade;

6.000\$00 no ofertório da Missa no aniversário de Pai Américo, oferta dos Rapazes do Lar do ex-Pupilo; vinte mil de professora vizinha, para as nossas férias; 7.500\$00, em vale, de Coimbra; 3.000\$00, em vale, de Tomar; 400\$00, em vale, de Coimbra.

Os párocos da Figueira da Foz e da Praia de Mira não me dispensaram de estar presente no domingo de Agosto que já é de tradição. Os fiéis, no ofertório, deixaram 268.835\$00 e 95.005\$00 nas nossas sacas e levaram alegria e chagas no coração. Que bom se caminhar-mos sempre na vida por caminhos de conversão ao Bem!...

Padre Horácio

## O nosso jornal

Cont. da 1.ª pág.

mente é lido e por muitos e muitos de ponta a ponta e logo que ele lhes chega às mãos. Mas é natural que num número tão grande haja alguns (que podem ser bastantes) que o assinam ou compram avulso a título de óbolo e habitualmente o não lêem. Deus nos é testemunha de como gostaríamos de contar os leitores pelos exemplares que se imprimem. E de como sofreríamos gostosamente a desistência daqueles que não lêem.

Quando vamos por aí fora dar a conhecer e propor o nosso jornal, sublinhamos sempre que ele tem um preço — o único essencial: o compromisso de habitualmente o ler, tomado por quem o aceita. Tudo o resto é accidental e livre: cada um dá o que puder, quando puder, aonde quiser. E se de verdade o quiser e nada puder, na mesma o receberá.

Pelo jornal se estabelece uma comunicação familiar entre a Obra e o leitor. Nele se denunciam injustiças e misérias e se apontam caminhos de remédio. Nele se dá conta de como a inteligência e o coração dos leitores reagiram e nos permitem encontrar tantas soluções para os males revelados. O GAIATO é um semeador da inquietação que salva. Ele é o motor da circulação da Caridade que dá vida à Obra da Rua e a constitui uma grande família cujos membros dentro das nossas telhas podemos contar, mas já

não podemos os de fora delas. É a «Família de fora», como dizemos na nossa gíria, imensamente mais numerosa do que a de dentro.

Pelo GAIATO tudo nos vem — é certo. Mas o jornal, em si mesmo, não é uma fonte de receita. Aliás não há jornal que o seja! E em relação à Casa de Paço de Sousa, até, talvez, fosse um prejuízo porquanto ela suporta todo o custo das edições e não afepe todas as contrapartidas. Mas nós não fazemos as contas assim. O lucro do jornal é o bem que faz às almas, as generosidades que desperta, o movimento de Caridade que desencadeia. E a própria Obra é abrangida neste movimento e por ele vive.

Circulação, pois! Sem ela não há vida! E O GAIATO é o grande fator desta circulação. Foi um grande dom de Deus a Pai Américo e continua a ser o grande dom de Deus à Obra da Rua: o que a faz sair dos seus muros provocando uma onda de bem que envolve e irmana tantos que precisam e tantos a quem é oferecida a oportunidade feliz de compartilhar. Graças a Deus porque são muitos os que assim entendem: feliz oportunidade; e a agradececem.

É neste espírito de verdade: leitor é aquele que lê e se deixa tocar pela Graça; nesta ansia de uma comunhão fraterna cada vez mais dilatada — que, continuaremos a trabalhar, assim Deus nos ajude, pela expansão d'O GAIATO.

Padre Carlós

## Quem merece?!

Escrevo estas notas na varanda da nossa casa de praia, em Azurara. Os mais pequeninos, os «Batatinhas», passam os últimos dias deste Verão chuvoso à beira-mar. O Setembro já vai a meio e não quisemos deixar pender a oportunidade de brincarem na areia, receberem o iodo do mar, terem a companhia carinhosa de irmãos mais velhos e mais daquela que decidi «perder» as suas férias por amor deles. Da história de alguns já tomastes conhecimento nas colunas d'O GAIATO. Do Nelo, ainda não. Tenho pena da mãe dele e dos três irmãos que vieram para a Casa do Gaiato. Recordo, como se fosse hoje, a entrada deles na Casa que agora é sua: de cabelos compridos, desgrenhados, a esconder caras de fome, tristes, sujos com medo da água do banho e da cama com lençóis lavados. A falta de carinho manifestava-se na agressividade diante das mãos que se lhes estendiam, dos rostos que se aproximavam dos deles para os beijar. Tenho pena da mãe. Ficou sem o marido, em terras de Trás-os-Montes. O seu coração de mãe tinha espaço sufi-

ciente para despejar todo o amor nos quatro filhos e receber deles o que precisava para viver com dignidade, de cabeça erguida. Escolheu, porém, outro caminho. Um homem apareceu e troca os quatro filhos pelo homem que a quis mas não os filhos. Aqui, não pontificou o amor que faz a união, mas a carne da mãe. E eles ficaram sem pai e sem mãe, apenas a saudade daquele que lhes dera a vida e jazia no cemitério da sua terra. Ali, em cima da campa do pai, foram achados a chorar. Pobre mãe, pobres filhos! Não acusamos ninguém! Não condenamos ninguém!

Nesta hora, temos presente a Palavra do Senhor que, ontem, nos foi transmitida pelo Apóstolo João, na Festa da Exaltação da Santa Cruz: «Deus amou de tal maneira o mundo que entregou o Seu Filho único, para que todo o homem que acredita n'Ele não se perca, mas tenha a Vida Eterna. Pois Deus não enviou o Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para este ser salvo por

Cont. na 4.ª pág.

# UM ENCONTRO

Reencontrar um amigo que já não se vê há anos, é sempre um acontecimento que nos emociona e, até, por vezes, nos faz correr lágrimas de alegria.

Foi precisamente um acontecimento idêntico que ocorreu no dia 10 de Agosto, no Lar da Casa do Gaiato de Setúbal.

A comunidade angolana e portuguesa da Casa do Gaiato

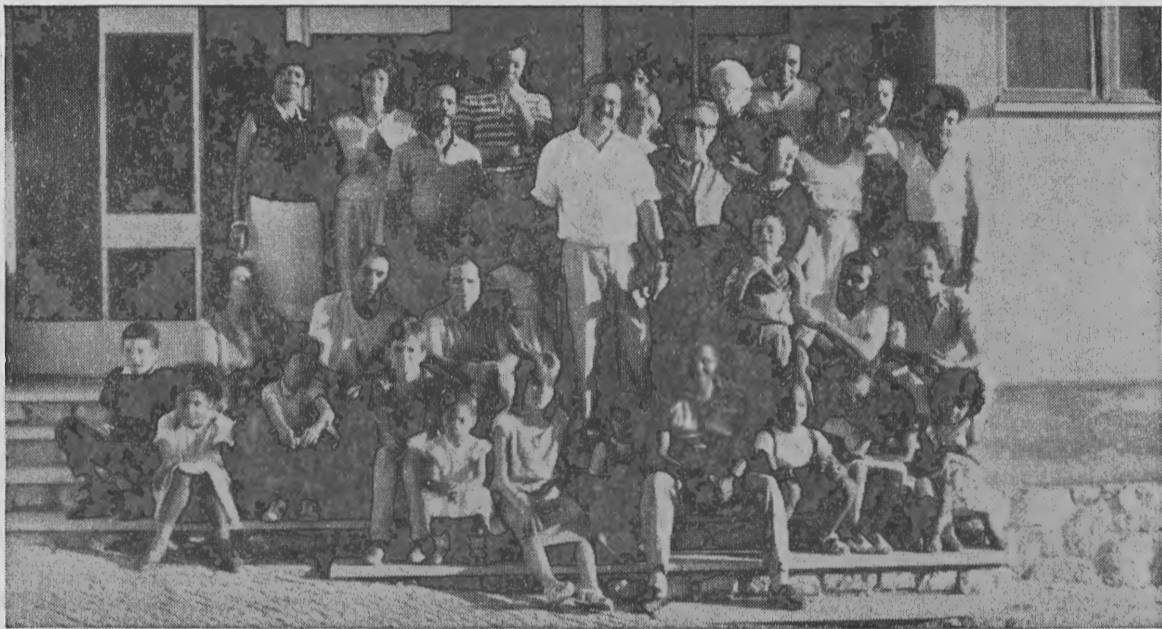
permitiu unir-nos a todos os rapazes da Obra da Rua, muito em particular aos que pertenceram à Casa do Gaiato de Benguela.

Não há dúvida de que foi um domingo diferente. As recordações correram em catadupa. Contaram-se muitos episódios que, aqui, neste espaço, não cabem. Só um livro permitiria saber o que fizeram os

da cidade de Ombaka (Benguela), pois a Casa de Benguela, pela sua grandeza social e moral em favor dos mais desprotegidos, há muito havia ultrapassado as fronteiras do Vale do Cavaco.

Não obstante a Casa do Gaiato de Benguela ter deixado de existir como Obra da Rua, os laços de amizade que unem os rapazes que nela viveram são tão fortes, o que prova que o sr. Padre Manuel ministrou a todos nós uma educação moral e social capaz de vencer os grandes obstáculos da vida.

Embora já não existindo a Casa do Gaiato de Benguela, os rapazes continuam unidos



de Benguela dispersa, actualmente, pelos quatro cantos de Portugal, reencontrou-se. Para que este empreendimento gigante tomasse corpo, muito contribuíram os esforços do sr. Padre Manuel António, responsável máximo da Casa do Gaiato de Benguela (hoje desempenhando a mesma função na Casa do Gaiato de Paço de Sousa), do Armínio Magalhães («Melo») e de alguns rapazes.

Foi um acontecimento que nos tocou a nós, presentes, muito profundamente. A celebração da Santa Eucaristia

rapazes da Casa do Gaiato de Benguela. No entanto, cada um dos presentes contou um pouco do que foi a sua estadia na Casa, onde o sr. Padre Manuel, como bom pai, castigou os mais «traquinas» e elogiou os mais bem comportados.

Ao Encontro estiveram presentes: o Fernando Carvalho, o Zeca Serrão, o Beto Ramalho, o José Luís Pinheiro, o Vítor Ferreira, o Vasconcelos e o Carlos Alberto. Estes nomes dizem muito, não só aos antigos gaiatos de Benguela, como também aos habitantes

como se fossem membros de uma mesma família! Muito temos de agradecer ao sr. Padre Manuel. Este encontro foi uma ocasião de lhe dizermos obrigado.

A comunidade benguelense multiplica-se. Foi com bastante alegria que o sr. Padre Manuel verificou que os seus rapazes, hoje pais de família, transmitem uma educação sadia aos seus filhos.

Do Encontro de Setúbal, ficou um voto: reunir mais rapazes na próxima ocasião.

David Eduardo

## Quem merece?!

Cont. da 3.ª pág.

seu intermédio». Condenar é fácil. Lamentar também. Mas fazer como o «Filho único» fez, é o caminho. Veio ao mundo. Viu a miséria do mundo. Carregou-a e venceu-a. Esta é a Boa Nova. Conhecida, mas não suficientemente amada. Proclamada, mas não decididamente vivida.

Pai Américo apaixonou-se por Ela. Enamorou-se d'Ela. Escolheu-A por esposa. E, de tal modo o fez que «a si próprio se despojou, tomando a condição de escravo». Que hino tão lindo e sublime cantado pelo homem cristão que dá pelo nome de Paulo, na carta aos Filipenses, na liturgia da mesma Festa, ontem celebrada!

Há a tentação fácil de chamar utopia a esta Mensagem que abre caminho seguro e eficaz por entre a miséria, a pobreza

envergonhada e é capaz de levantar quem está caído; capaz de curar; capaz de salvar.

Tentação, sim, que leva ao fatalismo de situações que não têm remédio e, por isso, a dizer: não vale a pena!

Ah!, onde os apaixonados pelo Amor que leva a deixar tudo, a despojar-se de tudo para salvar estes pequeninos, tantos pequeninos, tantos adolescentes e jovens, tantas famílias, tantas mães como a mãe do nosso Nelo e seus três irmãos? Há causas pelas quais vale a pena dar tudo na vida. Esta é uma delas. E não me digam que é pura utopia! Por favor, ninguém cometa esta injustiça.

Mas quem merece? Ninguém, senão aqueles e aquelas a quem for dada a Graça de ver o Invisível. É a Fé em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Padre Manuel António

## OS NOSSOS LIVROS

O **Cantinho dos Rapazes**, afinal todos os livros de Pai Américo e doutros autores — saídos dos nossos prelos — têm uma procura admirável. Graças a Deus!

Ainda agora, em Fátima, durante a Semana Sócio-Pastoral organizada pelo Episcopado Português — como primeiro sinal do próximo Centenário de Pai Américo a celebrar em 1987 — muitos participantes (que desconheciam ou não

possuíam os doze títulos já editados) levaram tantos livros para suas casas sem fazermos grandes alardes! A verdade é que a remessa levada de Paço de Sousa esgotou e houve que pegar na pequena reserva do Tojal.

Um ou outro interveniente não deixou de referir oportunas ou pertinentes citações de Pai Américo — recolhidas em obras já impressas — sobre o tema do Encontro: **Os jovens marginais**. Particularmente o nosso bom Amigo senhor D. António Marcelino, na qualidade de mais directo responsável pela Comissão Episcopal organizadora da Semana, cujas pistas são oportunas matéria de reflexão para todas as comunidades cristãs, na Liturgia da Palavra e, especialmente, nos domínios da acção sócio-pastoral — em termos muito concretos — de forma que todos os cristãos sintam, vivam e se empenhem, seriamente, na resolução das carências dos nossos irmãos a nível comunitário. Isto é: **«Cada freguesia cuide dos seus Pobres»** — frase lapidar de Pai Américo, que diz tudo!

## AQUI LISBOA!

«Nós recebemos nas nossas aldeias grandes heranças da taberna.» (Pai Américo)

São dados seguros: cerca de 50% dos nossos Rapazes, ou talvez mais, têm nas suas «histórias» influência do álcool. Não admira, pois, que Pai Américo, com o estilo acutilante que todos lhe conhecemos, tivesse denunciado enérgicamente as consequências trágicas do abuso das bebidas alcoólicas, na vida social, familiar e pessoal.

Todos conhecemos a realidade: lares desfeitos ou desavindos, situações económicas degradadas, descendentes diminuídos nas suas potencialidades físicas e psíquicas, desordens, desastres, doenças e crimes. Nos mais variados estratos sociais se verificam as sequelas do excesso do consumo do álcool. Poder-se-á dizer que estamos na presença da

maior «droga» dos nossos tempos, a requerer uma atenção especial de todos nós.

Devemos afirmar, como Pai Américo, que também bebemos vinho e, já agora, que gostamos de apreciar uma boa «pinga», mau grado as zurrapas que nos são impingidas por esse País fora, tão rico, aliás, em bebidas de alta qualidade. Mas entre gostar e abusar vai uma longa distância. Faz pena ver como as pessoas, a propósito de tudo e de nada, se encharcam em bebidas alcoólicas, nomeadamente das chamadas brancas.

Com frequência, por esse Portugal além, se «mata o bicho» com um copo de cachaça e se dão às crianças as chamadas «sopas de vinho», chegando ao ponto de as embriagar. Mulheres grávidas, em todos os escalões, ingerem quantidades de álcool exageradas, sem o mínimo de res-

peito por aqueles que trazem nos seus ventres.

Portugal é, segundo as estatísticas, a segunda nação da Europa, logo a seguir à França, em percentagem de alcoólicos. Os hospitais psiquiátricos estão cheios de doentes vítimas do alcoolismo. A revista **Hospitalidade**, dos Irmãos de S. João de Deus, refere-se com muita frequência a este assunto, com estudos de bom nível.

Aqui há muitos anos apareceu uma campanha, de que muitos se lembram: «Beber vinho é dar de comer a um milhão de portugueses». Não se induzia à moderação. Em Coimbra, nos nossos tempos de rapaz, era considerado como honra ou afirmação o apanhar uma bebedeira; porque beber leite, por exemplo, era sinal de pouca virilidade.

Não raro, infelizmente, por educação ou talvez por herança congénita, quem sabe, os filhos

de alcoólicos herdaram essa tendência nefasta, embora, pelos exemplos dolorosos vividos, também haja reacções salutares. A nossa experiência assim nos leva a crer.

Estas notas soltas sobre um problema gravíssimo, sempre actual, que apalpamos todos os dias, com resultados negativos evidentes, é um alerta para os pais e educadores. Que os Jovens, a começar pelos nossos Rapazes, o compreendam e saibam encontrar a justa medida entre o que é razoável e o que extravasa os limites da moderação. De misérias resultantes do excesso de álcool está o Mundo cheio.

Padre Luiz

Júlio Mendes

Director: Padre Telmo      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285  
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel